

**MULTILETRAMENTOS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O USO DO  
GÊNERO REMIX PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE DE ALUNOS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MULTILITERACIES AND PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING: THE USE OF THE GENDER  
REMIX FOR THE DEVELOPMENT OF CRITICITY IN STUDENTS OF FUNDAMENTAL  
EDUCATION

MULTILITERACIDAD Y ENSEÑANZA DE LENGUA PORTUGUESA: LA UTILIZACIÓN DEL  
GÉNERO REMIX PARA EL DESARROLLO DE LA CRITICIDAD DE ALUMNOS DE LA  
EDUCACIÓN FUNDAMENTAL

André Effgen de Aguiar <sup>1</sup>  
Ilana Gasparini de Souza <sup>2</sup>

**Manuscrito recebido em:** 27 de janeiro de 2021.

**Aprovado em:** 15 de março de 2021.

**Publicado em:** 16 de março de 2021.

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo estudar como a pedagogia dos multiletramentos e o ensino do gênero remix nas aulas de língua portuguesa podem contribuir para o desenvolvimento da criticidade de alunos do Ensino Fundamental. Pensamos que o uso das tecnologias e das novas mídias em sala de aula pode promover o interesse dos alunos em aprender com esses gêneros mais contemporâneos. Para realizar este estudo e fazer as análises que propomos, nos apoiamos na teoria dos multiletramentos (COPE E KALANTZIS, 2000; ROJO e MOURA, 2019; COPE, KALANTZIS e PINHEIRO, 2020) e nas definições do gênero remix (BUZATO et al, 2013), entendendo sua importância no ensino de língua, fazendo as conexões entre essas teorias e as orientações da BNCC (2017, 2018). Utilizando a metodologia da pesquisa-ação (FONSECA, 2002), foram ministradas quinze aulas sobre o gênero remix em uma turma de ensino fundamental e compiladas informações para análise. Verificamos que há a necessidade de se repensar a formação de professores e uma dificuldade por parte da escola para a inclusão de novas tecnologias em sala de aula. Analisando os resultados, percebemos que a produção do gênero remix conectou os alunos com questões sociais contemporâneas e os auxiliou no desenvolvimento de sua criticidade.

**Palavras-chave:** Multiletramentos; Gênero Remix; Ensino; Tecnologias.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor no Instituto Federal do Espírito Santo. Membro do Grupo de Pesquisa Inclusão Linguística em Cenários de Atividades Educacionais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8710-5363>

Contato: [aeffgen@gmail.com](mailto:aeffgen@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3772-5593>

Contato: [gaspariniilana@gmail.com](mailto:gaspariniilana@gmail.com)

### Abstract

This article aims to study how the pedagogy of multiliteracies and the teaching of the remix genre in Portuguese language classes can contribute to the development of criticality of elementary school students. We think that the use of technologies and new media in the classroom can promote students' interest in learning from these more contemporary genres that are closer to them. In order to carry out this study and carry out the analyzes we propose, we rely on the theory of multiliteracy (COPE E KALANTZIS, 2000; ROJO and MOURA, 2019; COPE, KALANTZIS and PINHEIRO, 2020) and on the definitions of the remix genre (BUZATO et al, 2013 ), understanding its importance in language teaching, making the connections between these theories and the guidelines of the BNCC (2017, 2018). Using the action research methodology (FONSECA, 2002), fifteen classes on the remix genre were taught in an elementary school class and information was compiled for analysis. We found that there is a need to rethink teacher training and a difficulty on the part of the school to include new technologies in the classroom. Analyzing the results, we realized that the production of the remix genre connected students with contemporary social issues and helped them to develop their criticality.

**Key-words:** Multiliteracy; Genre Remix; Teaching; Technologies.

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo estudiar como la pedagogía de la multiliteracidad y la enseñanza del género remix en las clases de lengua portuguesa pueden contribuir para el desarrollo de la criticidad de los estudiantes de la enseñanza fundamental. Pensamos que el uso de las tecnologías y de las nuevas mídias puede promocionar el interés de los alumnos en aprender con esos nuevos géneros más actuales que son más cercanos a ellos. Para realizar este estudio y hacer el análisis que proponemos, nos basamos en la teoría de la multiliteracidad (COPE y KALANTZIS, 2000; ROJO y MOURA, 2019; COPE, KALANTZIS y PINHEIRO, 2020) y en las definiciones del género remix (BUZATO et al, 2013), entendiendo su importancia en la enseñanza de la lengua, haciendo las conexiones entre esas teorías y las orientaciones de la BNCC (2017, 2018). Utilizando la metodología de la investigación-acción (FONSECA, 2002), fueron ministradas quince clases sobre el género remix en un grupo de la enseñanza fundamental y recopiladas informaciones para el análisis. Verificamos que existe la necesidad de reflexionar sobre la formación de los profesores y una dificultad por parte de las escuelas para la inclusión de nuevas tecnologías en las clases. Analizando los resultados, percibimos que la producción del género remix conectó los alumnos con cuestiones sociales y contemporáneas y los ayudó en el desarrollo de su criticidad.

**Palabras-clave:** Multiliteracidad; Género Remix; Enseñanza; Tecnologías.

### Primeiras palavras

Com base nos avanços tecnológicos na sociedade, o uso massivo da internet e com a presença das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs), percebemos o aparecimento de novos gêneros na sociedade. Esses gêneros da contemporaneidade são híbridos e multimodais, possuindo características peculiares e discursividades que devem ser exploradas na escola.

Desse modo, acreditamos que não cabe mais focar o ensino da língua somente nas normas gramaticais e no ensino da forma padrão escrita da língua nacional, mas sim fazer com que o aluno seja capaz de se colocar na sociedade e se comunicar de maneira eficaz, percebendo as diferenças em padrões de significado de um contexto para outro. Esses significados são construídos de maneira cada vez mais multimodais<sup>3</sup>, em que o modo de significação linguístico escrito faz interface com os padrões de significação oral, visual, auditivo, gestual, tátil e espacial.

Segundo Cope e Kalantzis (2000), a percepção da multiplicidade de canais de comunicação, a grande diversidade cultural e linguística e a multimodalidade presentes nos textos que circulam na nossa sociedade mostram que o ensino nas escolas não deve mais manter esse foco voltado para as normas e excentricidades da língua, já que aparecem no horizonte novas oportunidades de aprendizagem. Devido a isso, propõe-se então a “pedagogia dos multiletramentos”, que tem uma visão de mente, sociedade e aprendizagem baseada na suposição de que a mente humana é situada, incorporada e social, por isso, leva em consideração que o conhecimento do ser humano é embutido em contextos sociais, culturais e materiais.

Dessa forma, percebe-se uma multiplicidade de modos de nos comunicarmos. Esses modos multissemióticos de interação fizeram surgir, no advento da internet, novos gêneros textuais para cumprir essas funções comunicativas cada vez mais híbridas e velozes. Pensando na escola, o uso das tecnologias faz com que os alunos se interessem mais por esses meios de comunicação e informação, por isso cabe ao professor integrar esses novos gêneros à prática escolar.

Dessa maneira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece os multiletramentos como forma de promover a integralidade da educação, além disso a aplicação dos multiletramentos na escola garante que os alunos possam desenvolver competências para trabalhar as diversas semioses no processo comunicativo, pois

as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas

---

<sup>3</sup> O conceito de multimodal refere-se à significação que se realiza por mais de um código semiótico, sejam eles: texto escrito, imagem estática, áudio, vídeo, imagem em movimento, entre outros.

formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. (BRASIL, 2018, p.68)

A BNCC (2018), ao propor o ensino voltado aos multiletramentos, preocupa-se com a questão de que os alunos tenham um forte senso de criticidade e responsabilidade, a fim de que não aceitem informações que circulam na Web de forma passiva. Realizar um trabalho que congregue essas diferentes semioses favorecerá a construção da criticidade nos alunos, assim a escola poderá fazer com que os estudantes utilizem a comunicação de forma crítica, podendo atuar de forma positiva e ativa nos meios de comunicação e redes sociais.

Pensando nessa perspectiva, o presente trabalho tem como proposta o ensino do gênero remix, que é um gênero que surge a partir da manipulação das novas mídias e pode ser entendido como uma mistura dessas mídias e de ideias “colhidas” em textos de diferentes culturas e de diferentes modalidades presentes no mundo digital, unidos para formar um novo texto e, com ele, novos significados, ou seja, trata-se de um conjunto de práticas sociais e comunicacionais que promovem a mistura, o corte, a colagem, a sobreposição e a sampleagem de diferentes gêneros no intuito de formar um novo produto.

Desse modo, propomos aqui uma pesquisa-ação de cunho qualitativo, em que fomos a campo, em uma escola municipal da periferia da cidade de Vila Velha (ES) e desenvolvemos uma sequência didática com uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, procurando responder a seguinte indagação: como o uso das tecnologias e das novas mídias, por meio da produção do gênero remix, pode contribuir para o ensino de língua portuguesa e para a construção da criticidade dos alunos?

Para responder essa pergunta, esta investigação pretende, com base na pedagogia dos multiletramentos (COPE e KALANTZIS, 2000, 2013; ROJO, 2012, 2019), entender, a partir do ensino e produção do gênero remix, como esses textos multimodais podem ser abordados pela escola e como o trabalho com multiletramentos, que defendem o

protagonismo do aluno, pode propiciar a formação de estudantes mais críticos.

Na próxima seção deste artigo, discutiremos sobre a pedagogia dos multiletramentos e como essa prática pode colaborar para o protagonismo do aluno, à medida em que traz para a sala de aula o trabalho com as novas tecnologias e provoca a inversão de papéis em sala de aula, diminuindo a relação hierárquica entre professor e alunos.

Em seguida, definiremos o conceito de remix, que é um gênero que se caracteriza pela manipulação de artefatos culturais a fim de criar um objeto novo. Abordaremos também os tipos e as características desse texto multimodal, além de explicar sua relevância para a educação.

Na seção seguinte, apresentaremos a metodologia adotada nesta pesquisa. Já na seção 5, abordaremos, de forma dissertativa e explicativa, todo o processo da sequência didática que foi executada na escola. Mostraremos detalhadamente as atividades realizadas, as dificuldades enfrentadas e as discussões ocorridas durante as aulas. Ao final da seção, no intuito de apresentar a finalização do trabalho, descreveremos cada remix produzido pelos alunos.

Por fim, encontra-se a análise que foi feita em relação às aulas ministradas na escola para o ensino do gênero remix, fazendo uma relação do trabalho realizado com o aporte teórico apresentado durante a pesquisa, discorrendo sobre como foi implementar em uma sala de aula a pedagogia dos multiletramentos.

### **A pedagogia dos multiletramentos: a era do protagonismo discente**

O grande avanço das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) e o seu rápido crescimento fizeram com que houvesse mudanças significativas na vida social. Dentre elas, a Web 2.0<sup>4</sup> colaborou e proporcionou para o surgimento de programas, sites e aplicativos que prendem a atenção do indivíduo, como Facebook, Twitter, Youtube,

---

<sup>4</sup> O conceito para o termo foi criado por Tim O'Reilly, em 2003. Segundo Bressan (2008), ela seria uma segunda geração de serviços e aplicativos da rede e a recursos, tecnologias e conceitos que permitem maior interatividade e colaboração na utilização da Internet.

Instagram, dentre outros. Tais mídias e redes sociais digitais abrangem uma hipermídia<sup>5</sup>, com multissemióses, sejam elas linguagens verbais (oral e escrita), visuais, sonoras, corporais e digitais. Desse modo, essa nova cultura impõe aos sujeitos que saibam novos letramentos e possam aplicá-los na construção de textos, principalmente os multissemióticos no ciberespaço. Coadunando com isso, Duboc (2015) menciona que

diante dessa ênfase à multiplicidade de sentidos e modos semióticos, torna-se premente refletir acerca das mudanças conceituais quanto ao entendimento que temos sobre linguagem, texto, leitura, escrita e autoria como pré-condição para a revisão de formas de ensinar e avaliar em contextos educacionais. (p. 669)

Na atualidade, basta acompanharmos ou observarmos algumas aulas nas escolas de nosso país que iremos perceber que a escola brasileira não consegue seguir esse novo “ethos” da sociedade, pois parece estar parada no tempo. Desse modo, com um mundo cada vez mais globalizado, encontrar professores que ainda trabalham em suas aulas com métodos tradicionais, desinteressantes para o aluno, à base de repetições e memorizações é intrigante. A escola e o professor estão diante de um novo perfil de aluno, e cabe a eles encarar esse desafio e a atendê-lo.

Sendo assim, com essa multiplicidade de práticas letradas é necessário que o professor assuma um novo papel em sala de aula, pois ele deixa de ser o primeiro a fornecer o conhecimento e informação, para ser o orientador que guia o aprendizado. Segundo Rojo e Moura (2012), os professores nas escolas precisam ser mais ousados, críticos, inovadores e motivados para que topem o desafio de repensar a divisão canônica disciplinar, pois a não utilização desses recursos emergentes na escola pode acabar distanciando o aluno da aprendizagem. Na intenção de mitigar esse distanciamento entre escola-sociedade-aluno, sugere-se que as escolas e os professores trabalhem com a “pedagogia dos

---

<sup>5</sup> A hipermídia segundo o verbete de dicionário do Google é um sistema de registro e exibição de informações informatizadas por meio de computador, que permite acesso a determinados documentos (com textos, imagens estáticas ou em movimento, sons, softwares etc.) a partir de *links* que acionam outros documentos e assim sucessivamente.

multiletramentos”, conciliando os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea e novas formas de aprendizagem.

O estudo sobre multiletramentos começou em 1996 com um grupo de pesquisadores ingleses, estadunidenses e australianos que se reuniam na cidade de Nova Londres (EUA), denominados como o Grupo de Nova Londres (doravante GNL), que discutiram sobre as mudanças que estavam sofrendo os textos e com isso os letramentos. Sua primeira publicação foi o manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures*, no qual apresentavam a necessidade de trabalhar uma “pedagogia de multiletramentos”, inteirando em suas pesquisas que as escolas deveriam adotar essa nova pedagogia devido às novas tecnologias de comunicação e a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado.

Segundo Rojo e Moura (2012),

o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (p.15)

Em relação à multiplicidade de culturas, revela-se as diferentes formas de produção letradas de diferentes culturas, que circulam em nosso meio, sejam elas textos híbridos de diferentes letramentos, de diferentes campos, caracterizados por um processo de escolhas pessoais e/ou políticas. Já a multimodalidade dos textos contemporâneos refere-se às multissemiões que compõem o texto e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para fazer significar. Desse modo, os multiletramentos baseiam-se na capacidade de ler, produzir e interpretar criticamente um texto com multiplicidade de linguagens, sejam elas visuais, sonoras ou verbais que estão em circulação social, seja nos impressos, nas mídias audiovisuais ou nas digitais.

As inovações tecnológicas criaram mudanças e exigências em relação aos multiletramentos, dessa maneira é recomendável que o professor saiba selecionar e avaliar as informações, compreender os usos e as funções das ferramentas de áudio, vídeo, edição e tratamento de imagem, dentre outras atividades exigidas pela produção de textos da atualidade. Nessa conjuntura, o texto obtém várias camadas de significados imbricadas,

como conteúdos e efeitos de expressão que acabam criando efeitos de sentido, assim é preciso saber ler os efeitos de sentido e para isso é necessário análise crítica e novas práticas de leitura e escrita em meio a esses novos conteúdos.

Os multiletramentos funcionam, segundo Rojo e Moura (2012), pautando-se em algumas características importantes: a) são interativos (colaborativos); b) fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas; e c) são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). Em vista disso, no caso das práticas educativas, os professores devem primar pelo desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem colaborativos, significativos, criativos, inteligentes e práticos. Isso serve para que o abismo que há entre a escola e as práticas tecnológicas não comprometa o ensino e provoque a desmotivação dos estudantes.

As práticas de multiletramentos são aquelas em que o uso de novas tecnologias privilegia formas mais profundas de aprendizagem do aluno, porém não se trata apenas de inserir as novas tecnologias em uma pedagogia, mas sim considerar as práticas sociais as quais estão inseridos. Para Cope e Kalantzis (2006 apud ROJO, 2013) é necessária uma “prática situada” ou “aprendizagem situada”, em que é preciso levar em conta a questão das culturas do alunado. Desse modo, Rojo e Moura (2012) reiteram que

trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência [...]. (p. 8)

A pedagogia dos multiletramentos deve ser inserida no ambiente escolar, requerendo uma nova ética e várias estéticas, de forma que as escolas tomem para si a discussão crítica das “éticas” ou costumes locais, construindo uma ética plural e democrática; discutindo criticamente as diferentes “estéticas”, constituindo variados critérios críticos de apreciação dos produtos culturais e globais (ROJO e MOURA, 2012). Desse modo, é necessário que as escolas formem cidadãos conscientes, com competência

técnica nas ferramentas/textos/práticas letradas requeridas aliada à criticidade necessária para atuar na sociedade. Nessa perspectiva, a BNCC (2018) reitera que

propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que, direta ou indiretamente, impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social. Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes. (p. 487)

A BNCC (2018) reconhece os multiletramentos como forma de promover a integralidade da educação, além disso o trabalho com essa perspectiva educacional na escola garante que os alunos possam desenvolver competências para trabalhar as diversas semioses no processo comunicativo. Sendo assim, a BNCC, ao propor o ensino voltado aos multiletramentos, preocupa-se com a questão de que os alunos tenham um forte senso de criticidade e responsabilidade, a fim de que não aceitem informações que circulam na Web de forma passiva.

O trabalho com várias semioses favorece a construção da criticidade nos alunos e, dessa maneira, a escola poderá contribuir para que eles utilizem a comunicação de forma crítica, podendo atuar de forma positiva e ativamente nos meios de comunicação. Além disso, espera-se que os estudantes sejam bem mais que apenas meros usuários capacitados a atuar em uma sociedade digital, já que

essa consideração dos novos e multiletramentos e das práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de designer: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade. Parte do sentido de criatividade em circulação nos dias atuais (“economias criativas”, “cidades criativas” etc.) tem algum tipo de relação com esses fenômenos de reciclagem, mistura, apropriação e redistribuição. (BRASIL, 2018, p. 70)

Cada vez mais, o uso das tecnologias provoca mudanças na cultura e gera mudanças em nossas atividades, por isso são necessárias novas competências multiletradas para que

os indivíduos possam dar conta dessas mudanças. Assim, para Rojo e Moura (2012), a pedagogia dos multiletramentos

caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural na direção de outros letramentos. (p.08)

Segundo Cope e Kalantzis (2000), a pedagogia dos multiletramentos tem uma visão de mente, sociedade e aprendizagem, baseando-se que a mente humana é incorporada, situada e social. Assim, o conhecimento é embutido em contextos sociais, materiais e culturais, e esse conhecimento faz parte de um processo de colaborações e interações com outros de diferentes contextos, habilidades e perspectivas presentes em uma mesma comunidade.

Essa nova visão da pedagogia, fez com que o GNL chegasse à conclusão de que ela é assentada sobre quatro encaminhamentos didáticos, que são: a) Prática situada (*Situated practice*), b) Instrução aberta<sup>6</sup> (*Overt Instruction*), c) Enquadramento crítico (*Critical Framing*), d) Prática Transformada (*Transformed Practice*). (COPE e KALANTIZIS, 2000)

A **prática situada** se constitui pela aquisição por meio de práticas significativas dentro de uma comunidade de aprendizes que deve considerar as necessidades afetivas e socioculturais e identidades de todos os alunos, tem-se como foco a compreensão crítica, ou seja, o conhecimento consciente do alunado. Já a **instrução aberta** inclui todas as intervenções ativas do professor para fundamentar atividades de aprendizagem, não sendo uma transmissão direta, com memorizações, repetições. Essas atividades se concentram no aluno, sobre as características importantes de sua experiência e suas atividades dentro da comunidade de aprendizes, o que leva ao conhecimento sistemático e científico. Assim, os esforços colaborativos na relação professor-aluno pretendem que o aluno seja capaz de cumprir com atividades mais complexas sozinho e que possa ter uma

---

<sup>6</sup>Com relação ao encaminhamento didático *Overt Instruction*, é possível encontrar duas traduções possíveis “Instrução Aberta” e “Instrução Explícita”, porém em nossa pesquisa optamos pelo uso de “Instrução Aberta”, que foi traduzido por Rojo (2013) em seu livro *Escol@ Conectad@ – os multiletramentos e as TICs*, já que boa parte de nosso estudo a utilizamos como referência base.

compreensão consciente da sua relação com o professor e interpretação da atividade que está sendo cumprida, fazendo com que o objetivo dessa etapa seja a consciência e controle do que está sendo aprendido.

O **enquadramento crítico** tem como objetivo ajudar o aluno a compreender seu crescente domínio na prática, controle e compreensão de forma consciente, como são construídas as relações históricas, culturais, sociais, políticas e ideológicas centradas no valor de determinados sistemas de conhecimento e prática social. Na última etapa, a **prática transformadora** ocorre uma “re-prática” em que a teoria se torna uma prática refletida, que busca a intervenção do mundo de forma que considere os interesses, experiências e aspirações dos aprendizes. Assim os alunos e professores devem criar métodos para que os alunos demonstrem como podem criar e cumprir de maneira refletida novas práticas fundadas em seus objetivos e valores e, com isso, os estudantes podem aplicar essa prática, com base nas compreensões adquiridas nas etapas anteriores, instrução aberta e enquadramento crítico, a fim de mostrarem que podem implementar esse aprendizado e ajudando-os a aplicar e revisar o que têm aprendido.

Dessa forma Rojo (2013) reforça que

a pedagogia dos multiletramentos deve partir das práticas situadas dos alunos, de que fazem parte seus interesses, repertórios e modos de vida, para, por meio da instrução aberta, criar consciência e possibilidades analíticas - uma metalinguagem - capazes de ampliar repertório e relacionar essas a outras práticas de outros contextos culturais. (p.18)

Com isso, essa pedagogia e seus componentes propõem uma forma de ver os alunos diferente das concepções mais antigas de ensino, em que eles eram vistos apenas como seres passivos e recipientes, cujo papel consistia em memorizar e reproduzir o que o professor falava, acreditando que tudo fosse uma verdade única.

De acordo com Cope e Kalantzis (2013, apud SILVA, 2016, p. 14) a Pedagogia dos Multiletramentos visa ao desenvolvimento da capacidade de agência na construção de sentidos, com sensibilidade para as diferenças, mudanças e inovações, o que a faz uma pedagogia mais produtiva, relevante, inovadora, criativa e capaz de transformar a vida.

### **O gênero remix: que texto é este?**

As práticas de remix são muito utilizadas pelos usuários digitais nos dias de hoje, devido a proliferação de vídeos digitais online, o desenvolvimento de programas de edição de vídeo e áudio e do crescimento e demanda de redes de mídia como Youtube, Instagram e Facebook. Atualmente, vivemos e presenciamos uma “cultura do remix” que segundo Navas (2010, p.159) seria como “uma atividade global que consiste na troca criativa e eficiente de informações, possibilitada pelas tecnologias digitais e apoiada nas operações de recortar/copiar e colar”. Essa prática já era usada antes no cinema e nas artes plásticas, com montagens e colagens no início do século XX.

Foi no ano de 1970 que o termo remix começou a ser usado em um contexto musical, a partir da descoberta de produtores e DJ’s que perceberam que era possível mexer na música mesmo depois que ela já havia sido gravada. Então, o remix surgiu dentro do movimento *hip hop* como uma prática de criação livre, de desvio e de apropriação a partir de outros formatos e modalidades, que foi potencializada pelas características das ferramentas digitais e pela dinâmica da sociedade contemporânea.

Desse modo, Buzato *et tal* (2013) reitera que

embora essa prática de colagem e montagem remeta a outras manifestações como as artes plásticas e o cinema, o conceito e formato atual do remix relaciona-se a certas produções musicais típicas da cidade de Nova York nas décadas de 1960 e 1970, que consistiam em elaborar uma reinterpretação de uma música preexistente para retomar, de maneira indireta, “a aura espetacular” da versão original. (p. 1195)

Contextualizando, o remix, hoje, é uma mistura de mídias ou modalidades, reutilização e reformulação de outros textos, e, principalmente, uma mistura de ideias, que, a partir dessa junção, cria-se um novo produto. Assim, o gênero remix caracteriza-se pela mistura, reutilização e reformulação de mídias, modalidades e ideias de outros textos, escritas, sons, imagens estáticas ou em movimento para a produção de um novo texto.

Essa produção ocorre a partir do processo de remixagem, que representa a ação básica de recortar, colar, manipular, desmontar, montar, sobrepor, sincronizar e samplear, isto é “digitalizar uma amostra de um objeto-fonte, a qual pode vir a tornar-se um padrão ou motivo a ser colocado diversas vezes em fases posteriores de processos específicos de composição vertical ou horizontal” (BUZATO et al, 2013, p. 1198).

Assim, o gênero remix pode ser compreendido como

a prática de tomar artefatos culturais e combiná-los e manipulá-los de modo a gerar um novo tipo de mistura criativa [...] o remix digital, visto como a arte e prática de hibridização sem fim, oferece uma visão útil sobre a cultura, a produção cultural e a educação, principalmente em termos de letramento. (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008 apud GOMES et al, 2015, p. 112)

Segundo Navas (2012, apud ROJO e MOURA, 2019) o remix se compara

a um vírus que pode assumir diferentes formas, conforme as necessidades de determinada cultura. O remix não apresenta uma forma estanque e única: pode adquirir qualquer formato, por meio de qualquer semiose, em qualquer mídia: para existir ‘[o remix] basta encontrar valores culturais’. (p. 126)

Desse modo, o remix deve ser pensado não apenas multidimensionalmente, mas também em diferentes graus de efetivação dos múltiplos potenciais de sentido nele programados pela justaposição de intertextos, discursos, modalidades semióticas e referências contextuais.

O gênero remix apresenta características peculiares enquanto aos processos de criação e métodos criativos. Os dois modos básicos de montagem são: a sequenciação ou intercalação (montagem horizontal) e sobreposição ou composição (montagem vertical). A sequenciação, segundo Buzato et al (2013), corresponde à justaposição ou encadeamento de segmentos sampleados, respeitando-se ou não a ordem em que apareciam nas obras-fonte. Já a sobreposição corresponde à agregação de diferentes camadas ou faixas simultâneas que passam a constituir uma unidade síncrona e sinóptica.

Além disso, os remixes também são os nomes dados a outros produtos concretos que circulam no meio digital, caracterizando-se pelas técnicas próprias da remixagem. Os remixes podem ser seletivos, estendidos ou reflexivos.

Os remixes seletivos consistem na adição e/ou subtração de partes do material da peça-fonte, sendo que se mantenha sempre intacta a “essência” ou “aura espetacular” da obra-fonte. Os remixes estendidos são versões mais longas da obra-fonte que têm por objetivo aumentar o tempo de sua apreciação pelo público. E por fim, os remixes reflexivos são uma alegorização da estética sampleada, caracterizados pela (re)montagem de produzir uma peça derivada da obra-fonte que adquire uma “aura independente”.

Nesta pesquisa, escolhemos trabalhar com o remix reflexivo, por julgarmos que este possui um grau de independência maior das obras utilizadas para sua produção, o que proporciona maior reflexão por parte dos alunos para a confecção de seus vídeos.

De acordo com Lankshear e Knobel (2008, apud BUZATO et al, 2013) a cultura remix tem grande relevância para a educação, por envolver trabalho com ferramentas tecnológicas que, em sua maioria, são adquiridas e dominadas de maneira mais pronta e efetiva pelos alunos, usuários digitais, o que, a nosso ver, contribui para que as aulas de língua portuguesa possam conectar-se com o cotidiano desses alunos, adequando o conteúdo das aulas à realidade da sociedade que nos cerca.

### Questões metodológicas

Nosso objetivo com esta pesquisa era compreender como o uso das tecnologias em sala de aula pode contribuir para o ensino de língua portuguesa, já que elas estão cada vez mais presentes no dia a dia dos alunos. Com isso, procurou-se entender, também, como o estudo e a produção do gênero remix pode contribuir para o desenvolvimento da criticidade dos alunos.

- A pesquisa-ação

A pesquisa foi de abordagem **qualitativa**, que é um método de investigação científica de caráter subjetivo do objeto analisado, estudando suas particularidades e experiências individuais. Além disso, trata-se de uma **pesquisa-ação**, que se caracteriza pelo agir no campo da prática e investigar sobre ela, na qual é feito um planejamento,

implementação, descrição e avaliação visando a melhoria da prática, e aprendendo mais com isso no decorrer do processo. Para Thiollent (1986), a pesquisa-ação é

um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes, representativos da situação e/ou do problema, estão envolvidos de forma cooperativa e participativa (THIOLLENT, 1986, p.3)

Por sua vez, Fonseca (2002) afirma que

a pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. [...] O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador (p. 34-35).

No âmbito desta pesquisa, nosso campo foi numa turma de 9º ano do ensino fundamental, de uma escola municipal da periferia da cidade de Vila Velha (ES), onde, após planejamento prévio, ministramos cerca de 15 aulas de 50 minutos que objetivavam o ensino do gênero remix e, nas próximas seções, pretendemos descrever o trabalho e, com base nos dados que produzimos durante nossa estância na escola, analisar criticamente a prática que desenvolvemos.

- A sequência didática – ensinando a produzir e a editar

Para o desenvolvimento das aulas, utilizamos a metodologia da Sequência Didática de Dolz e Schneuwly (2004) para o ensino do gênero remix. De acordo com esses autores, a sequência didática é considerada como “um conjunto de atividades escolares organizadas sistematicamente em torno de um determinado gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97-98). Dessa maneira, entendemos que tal metodologia de trabalho é um instrumento que pode guiar os professores,

propiciando intervenções sociais e intervenções no espaço das instituições escolares, tão necessárias para a organização da aprendizagem em geral e para o progresso de apropriação de gêneros textuais em particular.

Para a concretização da pesquisa e para subsidiar nossa análise sobre o trabalho realizado foram utilizadas ferramentas para produção de dados, sendo elas: diário de bordo, em que os pesquisadores anotaram aula a aula as atividades realizadas e suas percepções sobre o andamento do projeto; questionário inicial respondido pelos alunos sobre a visão deles em relação ao uso das tecnologias em sala de aula e como os novos gêneros digitais podem contribuir para o ensino de língua portuguesa e gravações em áudio das aulas ministradas.

### **Planejando e executando o projeto: a sequência didática e os resultados obtidos**

Planejamos uma sequência didática sobre o gênero remix para uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola situada no município de Vila Velha (ES). A execução dessa sequência aconteceu no período de 11 de setembro a 04 de outubro de 2019, perfazendo um total de 15 aulas ministradas pelos pesquisadores. Nesta seção, descreveremos nosso planejamento aula a aula, mostrando seu engajamento na pedagogia dos multiletramentos, por meio da percepção dos encaminhamentos didáticos que embasam tal pedagogia.

No primeiro dia, houve o primeiro contato com a turma, pensando que o uso de tecnologias e mídias digitais faz parte do cotidiano dos alunos, iniciamos uma discussão com a turma sobre a proposta, tentando levantar os possíveis interesses daquele público (**Prática Situada**). A aula começou com a seguinte pergunta **“alguém sabe o que é o gênero remix?”**, um aluno respondeu que tinha relação com a música, já outro comentou, com as palavras dele, a definição de remix, pois a professora regente, ao explicar sobre a pesquisa que realizaríamos com a turma, acabou explicando o que era o gênero.

A aula foi intercalada entre explicações e comentários da professora regente. Após explicar o que era o gênero remix, apresentamos alguns artefatos culturais que podem ser usados para a criação do remix, características da remixagem e os tipos de remix

(montagem vertical e horizontal), para sintetizar tudo que explicamos, apresentamos como exemplo o remix humorístico/musical **“Dilma - Saudação à mandioca”**<sup>7</sup> do canal TimbuFun no Youtube.

Em seguida, a aula continuou com a explicação dos tipos de remix existentes (estendidos, seletivos e reflexivos) seguido de exemplos (**Instrução Aberta**). O remix estendido teve como exemplo a música **“Old Town Road”**<sup>8</sup> do Lil Nas X e Bily Ray Cyrus e sua versão estendida da música que é um remix. Já o tipo seletivo foi exemplificado com o remix **“Titanic in 5 seconds”**<sup>9</sup>. Para exemplificar a técnica da sampleagem, apresentamos a música da Jennifer Lopez e Pitbull - **“On The Floor”**<sup>10</sup> e a música **“Chorando se foi”**<sup>11</sup> do grupo Kaoma, pois a música da Jennifer Lopez sampleou a melodia da música do Kaoma.

No decorrer da aula, foram exibidos alguns remixes para que os alunos tivessem um maior contato com o gênero, dentre eles os vídeos **“Isso a Globo não mostra #10”**<sup>12</sup>, **“Neon Genesis - eleições 2014”**, **“Rei Leão - Eh Mole kkkkkk - Trailer Paródia”**<sup>13</sup> e **“Xuxa vs. Ministra Damares”**<sup>14</sup>, todos de cunho humorístico, fazendo com que os alunos se divertissem. Após a exibição do remix **“Xuxa vs. Ministra Damares”**, perguntamos aos alunos o porquê da apresentadora Xuxa ganhar a batalha e qual a crítica presente no vídeo, como não obtivemos resposta, explicamos detalhadamente o vídeo, identificando a crítica presente e as referências com complementações da professora regente.

Ao final fizemos uma atividade com os alunos, em que foram apresentados dois remixes: **“Bonde das Maravilhas (versão Teletubbies)”**<sup>15</sup> e **“Jair Messias Bolsonaro cantando Girl On Fire”**<sup>16</sup> e eles teriam que discutir sobre quais técnicas de remixagem (corte, colagem, sobreposição, sincronia, sampleagem) foram utilizadas nos vídeos.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZMFX84cZpPM>

<sup>8</sup> A versão original da música encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r7qovpFAGrQ>

A versão remix da música encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ysFgElQtjI>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OuSdU8tbCHY>

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=t4H\\_Zoh7G5A](https://www.youtube.com/watch?v=t4H_Zoh7G5A)

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=woopr1OZcAo>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7qodXSSeiJM>

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZNnz\\_X3x6Kw](https://www.youtube.com/watch?v=ZNnz_X3x6Kw)

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s9ToiJKrahA>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tZt8zf1Ms2k>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gWpJ8Kxt7Go>

Finalizando a aula, apresentamos para a turma o remix **“Vem pra rua. O Gigante acordou”**<sup>17</sup> revelando que seria este o estilo de remix que gostaríamos que eles produzissem.

No segundo dia, a aula foi baseada em uma atividade prática com base no conteúdo que fora estudado na aula anterior, visando a fixação do que foi estudado e o desenvolvimento da criticidade dos alunos. Começamos com a explicação da atividade proposta para a aula em questão, dividimos a turma em 3 grupos e eles teriam que assistir a dois remixes e depois discutiriam os vídeos a partir de três perguntas descritas no quadro, sendo elas: a) quais as técnicas de remixagem usadas no vídeo? Justifique comentando como o uso dessas técnicas contribui para a construção de sentido do vídeo; b) qual a crítica presente no remix? Em qual contexto ele foi elaborado? c) quais artefatos culturais (mídias) foram utilizados no remix?

O primeiro remix a ser exibido foi **“Isso a Globo não mostra #32”**<sup>18</sup>. Deixamos o remix ser exibido três vezes para que os alunos analisassem, logo após, os alunos já reunidos em grupos, discutiram entre eles sobre o remix, a partir das perguntas do quadro. Cada grupo apresentou suas discussões, demonstrando que conseguiram entender o gênero, as técnicas usadas e a crítica presente no remix. Em seguida, exibimos uma parte do vídeo **“Isso a Globo não mostra #34”**<sup>19</sup>, sobre a polêmica da Bienal do livro de 2019, quando a prefeitura do Rio de Janeiro proibiu a divulgação e a venda do livro **“Vingadores: A Cruzada das Crianças”**, da editora Salvat, pois este continha uma imagem de beijo homoafetivo.

Após a exibição do remix, os alunos começaram a expor suas opiniões, já que esse tema era recente e todos estavam acompanhando pela tv e internet, gerando então uma discussão em que todos puderam expressar seu posicionamento. Alguns pontos foram levantados, como a questão de livros de youtubers que não têm fiscalização, exposto por uma aluna; outro aluno colocou em discussão que o prefeito do Rio de Janeiro teria dito que é a família quem tem que escolher o livro para os filhos, entretanto como a família escolheria **“se não passamos muito tempo com a família, aprendemos mais coisas fora de**

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o38xx3yMvek>

<sup>18</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=TxrBpUpa\\_Oo](https://www.youtube.com/watch?v=TxrBpUpa_Oo)

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IUdSRdcj-Bg>

*casa (na rua, na escola) do que na nossa própria casa”*, afirmação que, aparentemente, o restante da turma concordou. Ao fim da atividade, comentamos que as próximas aulas seriam na sala de informática e que a turma já poderia formar trios para a produção do remix, e que eles pensassem em possíveis temas que quisessem trabalhar.

No terceiro dia, a proposta da aula era ensinar a utilizar a ferramenta de edição de vídeo (**Instrução Aberta**). Assim, chegamos à escola 20 minutos mais cedo e nos dirigimos ao laboratório de informática antes de começar a aula, para ligar os computadores, salvar uma pasta que foi previamente elaborada contendo mídias da internet, como memes, gifs, músicas e imagens, e abrir o questionário para que os alunos respondessem antes de começarem a produção do remix.

Durante esse processo, descobrimos que o programa de edição de vídeos *Inshot*, que nos foi informado previamente pelo diretor da escola que estaria instalado nos computadores, não era o que estava instalado, o que tínhamos a nossa disposição era o programa *Openshot*, então, devido a isso, tivemos que aprender a mexer no programa na hora de explicar aos alunos e ao mesmo tempo ensiná-los como utilizar essa ferramenta.

Quando os alunos chegaram, solicitamos que abrissem o questionário e o respondessem, entretanto, alguns computadores não estavam ligando e alguns alunos tiveram que esperar alguém terminar para que pudessem responder. Após responderem, começamos a explicar, com o suporte do *datashow*, como utilizar o programa de edição *Openshot*. A aula aconteceu da seguinte forma: explicávamos as operações a serem feitas no programa para editar vídeos e os alunos, sucessivamente, em seus computadores, refaziam o que demonstrávamos, utilizando as mídias presentes na pasta salva em cada computador.

Um outro problema ocorreu: percebemos que não havia nenhum vídeo salvo na pasta para que os alunos pudessem aprender a cortar. Então, tivemos a ideia de ensiná-los a baixarem um vídeo do Youtube naquele momento para que pudessem utilizá-lo, o que não foi totalmente ruim, já que eles precisariam utilizar esse aprendizado nas aulas futuras, porém acabou que não conseguimos baixar o vídeo, porque sobrecarregou a internet da escola, ocasionando que a mesma ficasse lenta. Contudo, conseguimos explicar o uso das ferramentas de edição mais importantes e os alunos conseguiram compreender. Ao final,

permitimos que os alunos mexessem no programa produzindo um vídeo com as mídias disponíveis na pasta, para que pudessem utilizar as ferramentas explicadas no dia.

Nesse mesmo dia, definimos, colaborativamente, os temas para a produção dos remixes. Propusemos que os grupos escolhessem temas que envolvessem o cotidiano da comunidade ou temas sociais de relevância para eles. Após uma breve discussão, os alunos entraram em consenso e decidiram escolher temas semelhantes aos que estavam discutindo em um trabalho da disciplina de Artes, afirmando que esses temas tratavam de assuntos atuais e de necessária discussão, que provocariam questionamentos e posicionamento de todos.

Os temas propostos pelos alunos foram: **corrupção, racismo, feminismo, homofobia, feminicídio, intolerância religiosa, desmatamento da Amazônia e violência doméstica**. Após escolhas de alguns grupos, uma aluna sugeriu um outro tema: a **transfobia**. Desse modo, cada trio escolheu seu tema e, por fim, formamos 7 grupos, sendo eles: **desmatamento da Amazônia, transfobia, violência doméstica, feminicídio, homofobia, racismo e corrupção**.

Do quarto ao sexto dia, as aulas foram para fins de pesquisa do grupo sobre o tema escolhido. O processo aconteceu com os alunos pesquisando na internet mídias (imagens, memes, gifs, vídeos, reportagens, músicas) sobre o tema escolhido pelo trio e paralelamente começaram a tirar as dúvidas existentes (**Enquadramento Crítico**). Durante esses dias alguns pontos como a internet lenta, computadores travando, ou até mesmo nem funcionando, atrapalharam um pouco o processo.

Percebemos que os grupos em suas pesquisas estavam focando muito em imagens e escolhiam apenas uma música, muitas das vezes nem apresentavam vídeos, devido a isso, chamamos a atenção para reforçar que eles deveriam procurar vídeos, e que o foco do remix não é criar um vídeo apenas contendo imagens e músicas. No segundo dia de pesquisa, um grupo percebeu que não estavam à vontade com o tema escolhido (feminismo), pois não sabiam posicionar-se diante desse tema, então permitimos que trocassem de tema para **violência doméstica**.

Do sétimo ao décimo dia, a maioria dos grupos já começou a produzir o remix propriamente dito. Durante essas aulas, caminhávamos pela sala, observando os trabalhos

e tirando dúvidas dos grupos sobre edição e montagem. Com a utilização do programa, os computadores começaram a travar mais do que o normal, o que prejudicou muitos grupos, principalmente o grupo da homofobia, o que causava nos alunos estresse, raiva e cansaço.

No décimo dia, a maioria dos remixes já estavam prontos, os que acabavam, nos apresentavam, comentávamos e fazíamos propostas e, quando necessário, sugeríamos alguma mudança. Dois grupos durante o processo de edição do vídeo sofreram com a questão do computador travando, por isso não conseguiram terminar nesse dia junto com a maior parte da turma, então tivemos que acrescentar mais um dia para que esses dois grupos terminassem.

No décimo primeiro dia, os dois últimos grupos que precisavam terminar continuaram a produção, dessa vez colocamos o grupo da homofobia em outro computador, salvando o que já tinha sido produzido até então em formato MP4, assim elas conseguiram terminar. Já com o grupo da violência doméstica foi mais complicado, pois descobrimos que naquele mesmo dia o computador que eles utilizavam teria sido formatado e todo o projeto que eles tinham começado foi apagado. O grupo teve que recomeçar a fazer o trabalho e acabou não conseguindo terminar, deixando-o pela metade. Assim, deixamos que entregassem outro dia, para que pudessem receber a nota que seria dada pela professora e dissemos que no dia da apresentação teriam que mostrar o trabalho produzido, mesmo que este estivesse incompleto.

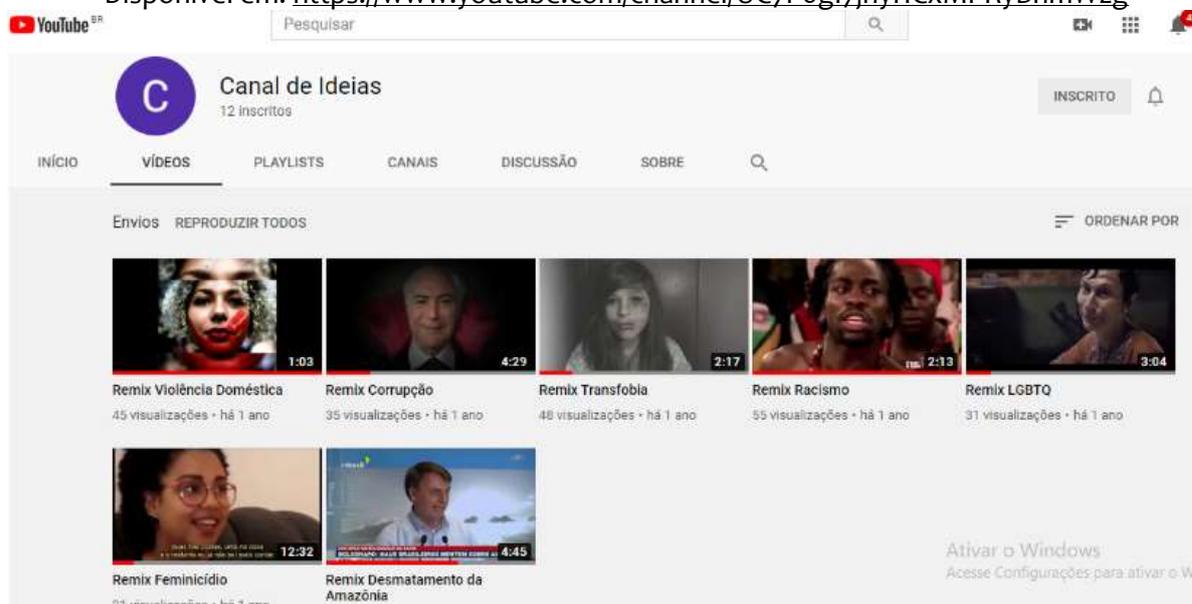
No último dia da regência, preparamos a sala de informática, com o *datashow* e caixa de som, para que os alunos pudessem socializar seus remixes produzidos para a turma (**Prática Transformada**). Porém, para conseguirmos montar os equipamentos foi complicado, pois não achávamos o cabo para instalar o som, e o professor de informática da escola não havia chegado ainda. Após a chegada do professor e depois de 20 minutos perdidos, conseguimos montar o som e ajustar tudo que faltava.

Nessa aula, começamos explicando para a turma que qualquer texto ao ser produzido precisa de um suporte por excelência e para o gênero remix não seria diferente. Explicamos para eles que o suporte mais conhecido para esse gênero é a plataforma de

vídeos Youtube. Por isso, um dia antes da aula, criamos um canal no Youtube, intitulado **Canal de Ideias**<sup>20</sup>, onde foram postados todos os remixes produzidos pelos alunos.

Além disso, chamamos a atenção da turma para que os vídeos não ficassem “presos”, conhecidos apenas por eles; os remixes teriam que circular, então pedimos para que os alunos compartilhassem os vídeos produzidos em redes sociais, para que outros pudessem ler seus textos (**Prática Transformada**) e conhecerem o resultado final do trabalho.

**Figura 1** - Imagem referente à página do canal criado na plataforma Youtube "Canal de Ideias". Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC7PogI7jhyHCxMPRyBnmWzg>



Nesse dia, a proposta foi que os próprios alunos fizessem a regência da aula, considerando que cada grupo apresentaria seu remix e comentaria o porquê de ter escolhido o tema e qual a mensagem que o grupo queria passar para quem estivesse assistindo ao vídeo, e, ao final da reprodução, o restante da turma participaria expondo sua opinião sobre o remix (**Prática Transformada**). Percebemos que a produção dos alunos foi bem feita, que eles conseguiram utilizar as técnicas aprendidas nas aulas e conectaram suas pesquisas sobre o tema com criticidade e opinião. A seguir, pretendemos fazer uma

<sup>20</sup> Canal criado pelos pesquisadores no Youtube, para fim de divulgação dos remixes produzidos pelos alunos. Encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC7PogI7jhyHCxMPRyBnmWzg>

breve descrição sobre cada remix<sup>21</sup> produzido, no intuito de situar o leitor sobre a produção realizada.

#### - Remix Transfobia

No remix sobre Transfobia, o grupo optou por utilizar vídeos, imagens e reportagem mostrando como as pessoas transexuais sofrem preconceito nas ruas e usaram como sobreposição a música chamada “Fora preconceito” de Bruno Mello, que fala sobre o julgamento antecipado que as pessoas fazem das outras. Além disso, o grupo propõe que o remix possibilite que as pessoas percebam, a partir de casos reais, o que acontece com as pessoas transexuais, que sofrem preconceito e até mesmo violência. Sugerem que se tenha menos julgamento um dos outros.

**Figura 2** - Imagem referente ao Remix sobre transfobia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CpDHo-p7WMY>



#### - Remix Violência Doméstica

O grupo que produziu o remix sobre Violência Doméstica usou imagens representativas de violência contra as mulheres e sobrepôs com a música “Madeira” de Douglas Campos que é forte e confrontadora, pois em seus versos usa discursos de mulheres contra os homens que cometem atos de violência. As alunas propuseram com

---

<sup>21</sup> Para assistir ao remix na íntegra, basta clicar no link abaixo das figuras ou apontar a câmera do seu celular para o QR Code ao lado da imagem.

esse remix a discussão e conscientização das pessoas para que apoiem as mulheres que tentam sair dessa situação, que elas denunciem esses casos de agressões e promovam a mudança na sociedade.

**Figura 3** - Imagem referente ao Remix sobre violência doméstica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1OdVuwgzYB8>



### - Remix Corrupção

No remix sobre Corrupção, o grupo focou nos casos de corrupção do ex-presidente Michel Temer, utilizando imagens, vídeos, tweets e parte de uma reportagem especial sobre a prisão de Temer, além disso recorreram a um rap como sobreposição que é um remix de falas do próprio ex-presidente. O grupo pretende mostrar em seu remix que as provas contra Michel Temer sempre existiram, mas que nada foi feito, e, até então, o político estava livre e sem julgamento de suas ações.

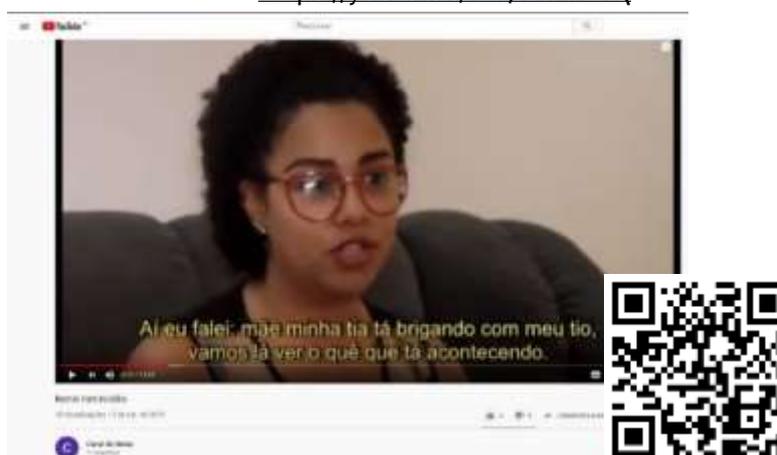
**Figura 4** - Imagem referente ao Remix sobre corrupção. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BK9ew4YhoQY>



#### - Remix Femicídio

O remix sobre Femicídio apresenta em seu conteúdo um pedaço de um documentário intenso que conta um caso real de feminicídio, e o grupo utilizou imagens, notícias e uma música que fala sobre a perda de uma pessoa que tem relação com o documentário apresentado. Além disso, os alunos propuseram um tom de denúncia em seu remix, expondo dados estatísticos de feminicídio, promovendo a conscientização das pessoas, principalmente dos homens sobre isso, insinuando para que as pessoas denunciem e não ignorem essa prática.

**Figura 5** - Imagem referente ao Remix sobre feminicídio. Disponível em:  
<https://youtu.be/DO7FREiBtIQ>



#### - Remix Racismo

O remix sobre Racismo tem como temática a ignorância das pessoas que praticam o racismo e a conscientização da sociedade de que não devemos ofender, julgar, maltratar o ser humano por causa do seu tom de pele, pois todos somos iguais perante a lei. Além disso, os alunos propõem que as pessoas reflitam sobre as piadinhas de negros e que cor de pele não determina caráter de nenhuma pessoa. Assim, o remix apresenta vídeos, imagens, um trecho do filme *Ó Pai Ó* e sobrepõe a música utilizada de Gabriel Pensador “Racismo é burrice”, que dialoga diretamente com o remix ao falar sobre essa ignorância e a burrice das pessoas racistas.

**Figura 6** - Imagem referente ao Remix sobre racismo. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=U15sSifSfw4&t=2s>



#### - Remix LGBT

O remix, que antes era sobre homofobia, foi expandido e abrange a questão LGBT. Desse modo, o grupo aborda o preconceito com a comunidade LGBT e promove a conscientização do espectador sobre essa ideia. O vídeo é profundo e impactante, a música escolhida é a “Indestrutível” da Pablo Vittar, que fala sobre a luta da cantora contra a homofobia. Junto com a associação de imagens e vídeo, os alunos mostram as dificuldades que uma pessoa enfrenta no convívio diário com as outras pessoas por ser gay, lésbica, trans ou bissexual e retrata os julgamentos ao seu redor. A letra da música utilizada se encaixa perfeitamente com a composição do remix, promovendo reflexão sobre como tratamos quem está do nosso lado. Além disso, o grupo utilizou-se de técnicas de edição para dar mais impacto ao remix.

**Figura 7** - Imagem referente ao Remix sobre LGBT. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=B-LmCZKWzOE>



- Remix Desmatamento da Amazônia

O remix sobre Desmatamento da Amazônia usou imagens, vídeos, reportagens sobre o presidente Bolsonaro, charges e dados de uma pesquisa. O grupo propôs como temática do vídeo mostrar a visão do presidente Bolsonaro sobre as queimadas na Amazônia e utilizou uma música que fala sobre a alienação e falta de senso crítico das pessoas que não percebem o que está realmente acontecendo. Assim, expõe que a situação da Amazônia com queimadas e o desmatamento é ignorada pelo presidente do Brasil, que se faz de desentendido e coloca a culpa nos outros. Desse modo, o grupo propõe que o espectador filtre as informações que são transmitidas na tv, que busque informações e não seja um alienado que acredita em tudo que se fala, sem refletir ou relativizar as coisas.

**Figura 8** - Imagem referente ao Remix sobre desmatamento da Amazônia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5lp9Kq-BoF4>



**O que nos dizem os remixes produzidos – algumas análises**

Esta seção do trabalho está organizada com o objetivo de descrever e analisar os dados produzidos nesta pesquisa com vistas a responder a nossa pergunta norteadora: **como o uso das tecnologias e das novas mídias, por meio da produção do gênero remix, pode contribuir para o ensino de língua portuguesa e para a construção da criticidade dos alunos?**

A análise será feita a partir das impressões e interpretações sobre os dados produzidos para esta pesquisa, que foram extraídos das seguintes ferramentas: questionário, diário de bordo e gravação em áudio do encontro final. É importante ressaltar aqui que não pretendemos criar etapas lineares para a análise, ou seja, não vamos primeiro analisar o que diz o questionário, para depois averiguar o diário ou os áudios. Nossa análise se baseará na pergunta de pesquisa e, no intuito de respondê-la, iremos conectando as informações que revelam os dados com nossas interpretações e com o aporte teórico utilizado para fundamentar este artigo.

Para iniciar esta seção de análise, é muito importante relatar a dificuldade que foi conseguir uma escola que abraçasse a ideia da pesquisa. Solicitando aos professores que cedessem algumas aulas para a realização do trabalho, as negativas vinham acompanhadas de discursos como “nossa, você vai precisar de muitas aulas”, “como eu vou fazer com o outro primeiro ano? Quem vai ensinar fazer isso na minha outra turma?” ou “eu tenho meu conteúdo para dar”. Percebemos que muito mais que liberação de aulas, a preocupação maior dos professores estava em relação ao que chamam de “conteúdo”; precisamos problematizar essa questão: o que é conteúdo? Seria uma lista de assuntos para trabalhar durante o ano? Esses assuntos devem ser seguidos à risca pelo professor ou este deve fazer a seleção do que é prioridade e adaptá-los ao contexto local da escola?

Nosso argumento nessa situação era que o que estávamos propondo era sim conteúdo, mas que o professor precisaria ter um olhar diferenciado para essa questão e pensar o que realmente seu aluno precisa aprender, pensar como conectar o ensino de língua portuguesa com o cotidiano, com as práticas sociais que esses estudantes experienciam todos os dias. Ensinar um gênero que é considerado novo, fruto de nossas vivências com as novas mídias e tecnologias é conteúdo e está, inclusive, balizado pela BNCC, quando esse documento afirma que durante as aulas de língua portuguesa o professor deve

assumir a **centralidade do texto** como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao **uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos** em várias **mídias** e **semioses**. (BRASIL, 2018, p. 67, grifos nossos)

Dessa forma, podemos afirmar que uma das mudanças mais latentes nos últimos anos, em termos de ensino de língua, diz respeito às práticas de multiletramentos. Os avanços tecnológicos e a sociedade conectada foram um campo fértil para o surgimento de novos gêneros discursivos, multimodais, colaborativos e híbridos. Ler hoje, a partir dessa concepção, significa ler múltiplas linguagens, todas presentes em um único texto, muitas vezes: verbal escrita, verbal oral, sonora, não verbal, visual etc. Pensamos que a escola não pode continuar à margem dessas práticas sociais tão atuais e presentes no cotidiano dos alunos, por isso nossa inquietação em relação ao ensino de língua portuguesa e nossa justificativa para a necessidade de desenvolver pesquisas como esta, que vão ao “chão da escola” e tentam inserir novas práticas e novas perspectivas de ensino da língua.

De maneira geral, os gêneros textuais, quando apresentados para os alunos nas escolas, na maior parte das vezes, ainda são atrelados à modalidade escrita e quase não há uma abertura para os gêneros advindos da era digital, o que nos permite analisar uma série de fatores para que isso aconteça, alguns que sentimos na pele durante a aplicação da pesquisa, como: salas de aulas antiquadas com presença só de quadro, laboratórios de informática mal equipados, equipamentos com defeitos, um único laboratório de informática para mais de 600 alunos utilizarem aos mesmo tempo, computadores que travam todo o tempo, internet lenta e cheia de restrições e, o principal, professores pouco preparados para lidar com as tecnologias em sala de aula.

Percebemos que a formação de professores que estejam preparados para lidar com as novas tecnologias é fundamental para avançarmos em relação à pedagogia dos multiletramentos. Dados divulgados em abril de 2020 pela Organização Todos pela Educação ratificam essa nossa afirmação. Em uma nota técnica que discute *O ensino a distância na educação básica frente à pandemia do Covid-19*, a organização compila dados que representam o nível da formação docente para trabalhar com recursos tecnológicos, demonstrando que

no Brasil, apesar de a grande maioria dos professores (76%) terem recentemente buscado formas para desenvolver ou aprimorar seus conhecimentos sobre o uso das tecnologias para auxiliar nas aulas, apenas 42% indica ter cursado alguma disciplina sobre o uso de tecnologias durante a graduação, e **somente 22%**

participaram de algum curso de formação continuada sobre o uso de computadores e internet nas atividades de ensino. Consequentemente, 67% dos docentes alegam ter necessidade de aperfeiçoamento profissional para o uso pedagógico das tecnologias educacionais. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020, p. 13 – grifos nossos)

O mesmo documento defende que

será de suma importância que o poder público se mobilize para que, mesmo sob uma lógica de mitigação dos impactos negativos nos estudantes, os professores recebam orientações e apoio adequado para lidarem com tamanha tarefa. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020, p. 14)

Coadunando com tal afirmação, pensamos que a mobilização dos sistemas de ensino no sentido de formar professores para lidar com ferramentas tecnológicas de maneira ativa, crítica e consciente em sala de aula é fulcral para que ocorra a conexão entre o fazer docente e as demandas da nossa sociedade em pleno século XXI, pois o que notamos hoje são professores que, em sua maioria, fazem uso das tecnologias de maneira relativamente passiva. De um modo geral, a utilização das TDCI's por parte dos docentes restringe-se ao uso do projetor ou do aparelho de televisão em sala de aula. Não há uma proposição de interação ativa, estimulando a produção dos estudantes em relação às tecnologias disponíveis. Problematicando tal situação, Aguiar *et al* (2016) afirmam que

não devemos nos iludir, a presença de recursos tecnológicos na escola, por si só, não trará qualquer benefício ao processo ensino-aprendizagem. É preciso que o professor se aproprie efetivamente desses recursos, ou seja, requer um letramento tecnológico do professor. Dessa forma, ele será capaz de avaliar, selecionar e implementar as ferramentas que mais se adequam aos seus objetivos de ensino. (p. 73)

Entretanto, percebemos esforços no sentido de se inserir nas escolas o uso consciente das novas mídias e tecnologias. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assevera que o aluno deve ter acesso a essas novas tecnologias e que as práticas da cultura digital precisam estar inseridas no currículo, para que não apenas contribuam para uma participação mais efetiva e crítica das práticas contemporâneas de linguagem do estudante, mas que também permitam não ter apenas um usuário da língua e linguagem e sim um *designer*, alguém que possa tomar algo que já existe (como textos e vídeos) e mesclar, transformar e remixar a fim de produzir novos sentidos (BRASIL, 2018, p. 70).

Pensando nisso, estabelecemos, a partir do ensino e produção do gênero remix, a conexão entre a aula de língua portuguesa e as tecnologias, o que colaborou para uma prática de produção textual criativa, reflexiva, colaborativa e crítica e, principalmente, propiciou que todos interagissem tanto por meio das discussões em aula, quanto por meio dos grupos no momento da produção dos remixes.

O fato de estar utilizando a tecnologia nas aulas de Língua Portuguesa despertou momentos de reflexão nos estudantes para o ato da produção e edição de vídeos, conforme o depoimento de uma aluna:

“Quando eu vejo um vídeo no Youtube **ai eu fico pensando no trabalho que foi editar isso**, porque foi difícil para a gente. **Então temos que dar valor**”

Tal discurso nos faz perceber que, apesar de acharmos que são nativos digitais, que já nasceram sabendo lidar com tecnologias, os alunos não possuem o hábito de editar vídeos e não dominam todo tipo de ferramenta disponível nos computadores. Somente após aprender a manipular vídeos a aluna consegue perceber o grau de dificuldade da atividade e passa a valorizar esse conhecimento, o que já nos revela uma postura crítica em relação ao aprendizado que obteve durante o desenvolvimento da pesquisa.

Além disso, a produção de remixes fez com que os alunos refletissem criticamente sobre sua atuação na sociedade, como no depoimento abaixo:

“A produção do remix e o tema faz a gente prestar atenção nos mínimos detalhes, porque eu sou uma jovem que não tem o costume de sentar em frente à televisão e assistir jornal nenhum. E às vezes quando a gente abre a internet e tem as notícias, a gente passa direto, ignoramos elas e deixamos para lá. **Esse trabalho faz a gente filtrar as coisas da televisão, porque a gente não filtra**. E isso é tanto para editar um vídeo, tanto para saber o que está acontecendo, **para poder ter uma categoria para conversar sobre alguma coisa.**”

Notamos que essa reflexão mostra que as nossas relações sociocomunicativas, no momento contemporâneo e globalizado em que vivemos, tornaram-se cada vez mais críticas e complexas, devido à densidade de informações que transitam (GOMES et al, 2015) e a aluna percebeu que é necessária uma criticidade em relação a isso. Observamos que ela percebe, a partir do trabalho realizado, a importância da aquisição de conteúdos e informações para dialogar com outras pessoas e como isso pode facilitar sua interação e socialização. A aluna compreende que é preciso ter conhecimento sobre as coisas

não só para conversar, mas também para não acreditar em tudo que a mídia exhibe, entendendo a necessidade de se filtrar as informações.

Sibilia (2012) afirma que a escola da atualidade funciona como uma máquina antiquada, tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI. De acordo com Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020)

o mundo da comunicação e da construção de significados mudou. Com efeito, os membros da geração atual dão sinais que estão frustrados com um currículo escolar voltado para a leitura e escrita ultrapassado, que, em geral, espera que eles sejam recipientes passivos de conhecimento. A geração “P”<sup>22</sup> não necessariamente lida bem com a imposição de regras a serem aplicadas. (p. 26)

Para reverter esse quadro, pensamos que o professor precisa assumir um novo papel em sala de aula, pois ele deixa de ser o primeiro a fornecer o conhecimento e a informação, para ser o orientador que guia o aprendizado. Se queremos ter um novo tipo de aluno, precisamos também de um novo tipo de professor; precisamos de

profissionais capazes de criar as condições nas quais os aprendizes assumirão maior responsabilidade pelo próprio aprendizado; que permaneçam, como fonte de conhecimentos que de fato são, na condição de autoridade sem que se tornem autoritários; que se sintam confortáveis com o *design* de aprendizagem da internet, os espaços de instrução que não se limitam a planos de aula, livros didáticos ou manuais de estudante [...]. (KALANTZIS, COPE e PINHEIRO, 2020, p. 27-28)

Pensando as atuações de aluno e professor a partir dessa perspectiva, acreditamos que o processo de ensino do gênero remix na escola atrelou-se ao que preconiza às práticas propostas pela pedagogia dos multiletramentos. Nesse sentido, as aulas foram ministradas fora do ambiente sala de aula, a fim de que os alunos pudessem sair do ambiente com cadeiras enfileiradas e trabalhassem em grupos em um espaço mais colaborativo (sala de informática), onde não houvesse a categorização de ser detentor do conhecimento e ser

---

<sup>22</sup> Kalantzis e Cope (2020) afirmam que em nossas escolas podemos vislumbrar o surgimento de uma nova geração: a geração “P”, de participativa. Os estudantes integrantes de tal geração possuem sensibilidades e expertises diferentes dos estudantes do passado, pois têm em suas mãos smartphones ubíquos, conectados a novas mídias sociais, que lhes permitem se comunicar com pessoas a qualquer hora do dia, em qualquer lugar.

receptor, pois, cada um, de maneira crítica e dialógica, estaria expondo e transformando seus conhecimentos.

Compilando os dados do questionário respondido pelos alunos, obtivemos o resultado de que eles não utilizam as tecnologias durante as aulas, o que não condiz com realidade de prática situada dos alunos, considerados usuários e nativos digitais. Dessa forma, é preciso que a escola seja o espaço que o aluno poderá ter acesso a essas tecnologias. Segundo Rojo (201-)<sup>23</sup>, a falta de acesso à tecnologia nas escolas não pode ser uma barreira, já que

atualmente, todas as escolas estão razoavelmente conectadas e boa parte dos alunos, em todas as classes sociais, tem um celular. O maior desafio, para o professor, vai ser o de se familiarizar com esses novos gêneros. Mas, ao mesmo tempo, ele terá a oportunidade de aprender com os alunos. Para isso, a pedagogia tem que mudar, tem que haver mais espaço para a interação. (p.34)

A pedagogia dos multiletramentos, segundo Cope e Kalantzis (2006 apud ROJO, 2013) deve voltar-se para “práticas situadas” ou “aprendizagens situadas”, em que se deve levar em conta a questão das culturas do alunado. Assim, os remixes produzidos pelos alunos abarcaram temas presentes em suas vidas, como no caso do remix sobre feminicídio produzido por três alunas que, no dia da finalização do trabalho, diante da turma, uma delas expôs que a escolha do tema aconteceu devido a uma experiência vivenciada por ela e narrou:

“Eu tive uma tia que foi morta pelo marido... E nós escolhemos esse tema porque **é importante mostrar o que tá acontecendo**”.

A situação que a estudante presenciou a motivou a produzir o remix sobre o tema. O remix produzido por esse grupo teve um tom de denúncia, utilizando muitos dados estatísticos sobre feminicídio no Brasil e conclamando as pessoas a denunciarem os casos de violência contra a mulher que presenciarem. Aqui percebemos não só a criticidade, mas também como o texto, no caso o remix, cumpre sua função de prática social, quando

---

<sup>23</sup> A referência foi retirada do ebook **BNCC na prática**, produzido pela revista Nova Escola e hospedado em seu site. Esse material não apresenta o ano de sua publicação, por isso utilizamos a forma (201-), pois, segundo as normas da ABNT, essa forma assume que o ano de publicação é referente a esta década, entretanto não se sabe qual o ano exato.

alunas de 14 ou 15 anos o utilizam como forma de se expressar e de denunciar o que realmente acontece na sociedade. Nessa perspectiva de trabalho

os alunos estão envolvidos com questões próximas a seus lares. Eles trazem suas identidades e seus interesses, suas experiências vividas, para apoiar o trabalho de letramento, engajando-se em textos de suas próprias vidas e em um processo participativo de construção de significados. (KALANTZIS, COPE e PINHEIRO, 2020, p. 152-153)

Além desse grupo, o remix sobre violência doméstica também foi produzido a partir da vivência de uma das alunas, que presenciou uma agressão perto de sua casa. A prática do discurso também foi contemplada junto com as produções dos remixes, já que, no momento da socialização dos textos produzidos, os grupos deveriam explicar sobre o remix e o porquê da escolha do tema, e essa integrante do grupo expôs sua opinião sobre o assunto de forma sincera e crítica, revelando o conhecimento construído sobre o assunto:

“A violência doméstica não é uma coisa comum, **tecnicamente é uma coisa comum**, mas **não é uma coisa certa a se fazer**. Eu como mulher com 15 anos [...], se qualquer um de vocês, meninos, especificamente falando, bater na cara dela (apontando para outra aluna) é violência, e é uma das piores, porque **infelizmente somos tratadas como sexo frágil, mas nós não somos**. Eu presenciei essa semana um crime que me cortou o coração, era 6 horas da manhã e o cara estava esfregando o rosto da menina na parede dizendo que ela não merecia ele, porque ela abraçou o melhor amigo dela e ele interpretou como traição. **Vocês acham que justifica qualquer homem pegar no cabelo de vocês e bater em vocês até não conseguirem levantar, só porque você abraçou seu amigo?**”

Nesse discurso podemos observar toda criticidade construída ao longo das pesquisas realizadas e da construção do texto. A aluna, após a exibição do remix do seu grupo, se posiciona e tenta conscientizar tanto os meninos da turma, quanto as meninas, alertando-os que essa ação violenta é inaceitável e **“não é a coisa certa a se fazer”**; dessa maneira, o que vemos aqui é que “uma abordagem crítica dos letramentos se soma, portanto, a uma **‘pedagogia da voz’**, uma narrativa para a agência” (KALANTZIS, COPE E PINHEIRO, 2020, p. 152 – grifo nosso).

O mais importante, segundo a BNCC, não é fazer o aluno estudar qual é a forma de composição do gênero, mas preparar o jovem para ler, entender, inferir a ideologia que o texto traz e ainda ser capaz de atuar em relação àquele conteúdo. Além disso, é

fundamental na atual conjuntura social formar jovens mais críticos, deixar que se posicionem a partir dos temas trabalhados nas aulas e, como professores, ter como meta conectar a escola ao que está acontecendo na sociedade e acreditamos que alcançamos tal intento na realização desta pesquisa.

Uma das perguntas do questionário foi em relação ao que os alunos esperariam obter de conhecimento por meio da produção do gênero remix. A maioria respondeu a essa questão dizendo que esperava aprender a editar vídeos e imagens, porém uma das respostas nos chamou a atenção:

**“Espero aprender e ampliar minha visão e conhecimento** usando o computador e aprendendo esse novo gênero”.

É exatamente na concretização dessa expectativa que o ensino desses gêneros digitais pode contribuir, fazendo com que o aluno aprenda a ler o mundo criticamente e possa compreender os interesses culturais divergentes que informam significações e ações, suas relações e suas consequências (COPE e KALANTZIS, 2006 apud ROJO, 2013, p. 21).

Assim como as repostas obtidas a partir do questionário, algumas falas dos alunos no nosso último encontro, após a exibição dos remixes e conclusão do projeto, revelaram que o ensino do gênero remix pode ajudar no cotidiano e no futuro:

**“Eu irei aprender a editar vídeos e no futuro posso até trabalhar com isso!”**

Tal afirmação revela que o aluno conseguiu conectar o estudo do gênero proposto com o contexto social em que está inserido, um contexto em que as habilidades de editar e produzir vídeos são tão relevantes e valorizadas a ponto de interpretá-las como uma forma de produção de renda.

Ainda nesse contexto é importante frisar as contribuições sociais que a expertise em edição de vídeos pode proporcionar. De acordo com Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) “as mídias digitais adicionam outra camada de oportunidade pedagógica para os professores, onde as vozes dos alunos podem ser expressas” (p.148) por meio de ferramentas que os usuários mais experientes ou profissionais também utilizam, fazendo

com que o uso de tais recursos fomentem versões autênticas ao invés de fingidas das práticas sociais que vivenciamos. Nessa esteira, Gee (2010 apud KALANTZIS, COPE e PINHEIRO, 2020, p. 148 – grifos nossos) afirma que “ferramentas digitais têm permitido que pessoas comuns **possam produzir e não apenas consumir** mídias”.

Um dos alunos, ao ser questionado sobre o uso da sala de informática, respondeu que:

“quando os professores pedem pra gente fazer trabalho, **nós não vamos para a informática pesquisar** e quando perguntamos se pode ser digitado ele fala que não, é à mão. **Parece que a escola está regredindo**”.

Este excerto mostra que os professores não possibilitam o acesso dos alunos à tecnologia, assim os alunos devem pesquisar em casa, “cada um por si”, sendo que, na realidade de uma escola da periferia, alguns alunos podem não ter acesso ao computador ou ao celular com internet<sup>24</sup> para fazer um trabalho em casa, por isso pensamos que umas das tarefas do professor na atualidade é fazer esse *link* entre o aluno e as tecnologias, realizando o seu papel de agente de letramento (KLEIMAN, 1995).

Percebemos que o trabalho com esses gêneros digitais é ainda pouco valorizado pelos professores nas escolas. Os professores, ou boa parte deles, limitam-se ao livro didático e acabam escolhendo o gênero proposto por ele, que costumam ser os gêneros tradicionais impressos, que geralmente não atraem mais o interesse dos alunos. Desse modo, é preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e, também, para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas.

Pensando nessa relação: escola, aluno, professor e tecnologias, Rojo (201-) afirma que

uma coisa é certa: o digital precisa entrar na escola. Comparar uma notícia que saiu na maior rede de televisão com várias versões desse mesmo fato publicadas na Internet, por exemplo, pode ser muito interessante. Mas produzir esse conteúdo vai depender de um trabalho conjunto entre professor e aluno. Porque

---

<sup>24</sup> De acordo com os dados da Organização Todos Pela Educação, somente 40% dos lares das classes C, D e E possuem acesso à internet. Para os domicílios que não têm atualmente acesso à internet, o motivo mais apontado como o principal pelo não acesso é o alto custo (27%), seguido do fato de os moradores não saberem usar a internet (18%) (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020).

o professor pode até ser um usuário que aprecia conteúdos multimodais da Internet e da televisão, por exemplo. Mas, em geral, não vai ter as habilidades de produção. Pode ser que assista vídeos, mas não saiba editar clipes. Por outro lado, o aluno pode ter mais experiência em edição e mais dificuldade com o roteiro, que é algo que o professor domina. **Cada um precisa entrar com o seu saber.** (p.35, grifo nosso)

Esse “**cada um entra com o seu saber**” é exatamente o que propõe a pedagogia dos multiletramentos, uma pedagogia que corrói as relações estabelecidas há séculos nas salas de aula, em que se coloca o professor em uma posição soberana, detentor do conhecimento, transmissor de conceitos e verdades e o aluno em uma postura passiva, enfileirado, em que seu único horizonte é a nuca do colega da frente, no papel de um receptáculo onde todo o conhecimento será depositado pelo professor.

Esse retrato de sala de aula deve ser colocado na parede, como uma lembrança do passado. Nas palavras de Walsh (2009) o que precisamos na escola hoje é

um trabalho que se dirige a desmontar as constelações – psíquicas, sociais, epistêmicas, ontológico-existenciais – instaladas pela modernidade [...]; pedagogias que estimulem novas formas de ação política, insurgência e resistência ao mesmo tempo que constroem alianças, esperanças e visões “outras” de estar em sociedade, dando substância e legitimidade ao sonho ético-político de vencer a realidade injusta, e construir outros caminhos.<sup>25</sup> (p. 26 – tradução nossa)

Concordando com a pesquisadora e ampliando essa visão com base na pesquisa que realizamos, defendemos uma pedagogia que proponha: a) que os alunos ocupem os variados espaços da escola; b) que trabalhem em grupos e construam conhecimentos coletivamente e colaborativamente, em uma relação conflitiva e dialógica; c) que o professor atue não como um oráculo do saber, aquele que tudo sabe, mas em coautoria<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> No original: un trabajo que se dirige a dismantelar las constelaciones –síquicas, sociales, epistémicas, ontológico-existenciais- instaladas por la modernidad [...]; pedagogías que alientan nuevas formas de acción política, insurgencia y cimmaronaje a la vez que construyen alianzas, esperanzas y visiones “otras” de estar en sociedad, dando sustancia y legitimidad del sueño ético-político de vencer la realidad injusta, y construir senderos otros.

<sup>26</sup> Kleiman (2006) afirma que pensar na posição do professor como mediador é hierarquizante, pois, dessa forma, ele atuaria como aquele que arbitra, se colocando num papel intermediário entre dois (ou mais) interessados, o que não colaboraria para a construção conjunta de conhecimentos. Nesse mesmo trabalho ela nos apresenta a figura do professor como coautor, que julgamos ser uma proposta que se encaixa muito bem na perspectiva de trabalho com a Pedagogia dos Multiletramentos. A autora coloca o professor na posição de agente de letramento, de um agente social, e afirma que “os agentes sociais são ativos, não passivos” (p.86), por isso quando os indivíduos se engajam em ações sociais para a transformação eles

com seus alunos (KLEIMAN, 2006), partilhando saberes, discutindo temas de forma menos hierárquica, dividindo o protagonismo das ações com todos os estudantes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

### **Considerações finais**

O mundo está cada vez mais interconectado, fazendo com que interagamos cada vez mais com uma gama mais ampla de gêneros textuais digitais (tais como blog, email, chat, tweet, meme, remix etc.). Porém, o que observamos com esta pesquisa foi que as escolas não estão atrelando o ensino de língua a esses novos gêneros e continuam privilegiando os gêneros tradicionais e consagrados pelo livro didático.

Diante disso, pensamos que é necessário que as práticas pedagógicas no ensino de língua portuguesa voltem-se para os multiletramentos, fazendo com que o professor saiba lidar, compreender e colocar em prática o uso das tecnologias nas aulas, utilizando-as como ferramenta de ensino e, não obstante, estejam mais abertos para aprender com os alunos, invertendo a tradicional relação professor-aluno em sala de aula para uma relação menos hierárquica, que preze mais pelo diálogo e construção de conhecimentos de forma colaborativa, em que cada um participará com os saberes que carrega consigo.

Após a regência das aulas e análise do trabalho desenvolvido, percebemos que as escolas e os professores não estão preparados para a inserção dessas tecnologias e novas mídias no cotidiano da escola. Entretanto, Rojo (201-) afirma que essas dificuldades com os conteúdos multimodais que foram encontradas tendem a diminuir, já que os professores começarão a receber material digital complementar atrelado ao material didático tradicional. Entretanto, acreditamos que apenas a distribuição desse material não será suficiente para a mitigação do problema, o que precisamos, além da distribuição de material de apoio para as aulas, é que os professores passem a ter um outro tipo de formação, que se inclua nas licenciaturas disciplinas que foquem no trabalho ativo com as novas tecnologias em sala de aula, fazendo com que novos professores ingressem no

---

participam do processo no sentido mais completo e, colaborativamente, atuam como coautores da experiência compartilhada e do conhecimento produzido.

mercado de trabalho com uma formação mais ampla, diferenciada e conectada com as reais demandas da sociedade.

A partir da execução da sequência didática e da produção do gênero remix, verificamos que os alunos apresentaram uma postura mais crítica em relação aos temas do cotidiano. Isso se evidenciou a partir das escolhas que fizeram para compor seus remixes, como encaixaram os discursos já existentes na internet com seus posicionamentos e como, na conclusão do projeto, revelaram suas opiniões sobre seu próprio trabalho e sobre o trabalho dos demais colegas.

Para Lamb (2007) as características da cultura remix são potencialmente úteis ao ensino – como o engajamento coletivo em comunidades de conhecimento nos quais os usuários são também produtores dos artefatos semióticos-discursivos que ali circulam. Dessa maneira, consideramos que o ensino do gênero remix e a utilização das novas mídias nas aulas servem para conectar a escola ao que está acontecendo na sociedade, pois ao invés de ficar produzindo sempre os mesmos gêneros tradicionais impressos, os alunos podem aprender gêneros textuais mais contemporâneos, que são mais próximos a sua realidade.

Com isso, o ensino do gênero remix pode transformar sujeitos transleitores e transletrados em cidadãos capazes de protagonizar mudanças sociais a partir do momento em que tiverem consciência sobre a força política dos hibridismos propositais, quer sejam entre gêneros, mídias, modalidades, linguagens e textos (BUZATO *et al*, 2013). Desse modo, a escola precisa ser o espaço em que o aluno poderá ter acesso a essas tecnologias, aprendendo a manipulá-las e a construir sentidos a partir delas, formando, assim, jovens mais críticos e aptos a se posicionarem perante a sociedade em que vivem.

## Referências

AGUIAR, André E. *et al*. Novas tecnologias na sala de aula: as contribuições da ferramenta *google docs* para as aulas de produção de texto. In: AGUIAR, André Effgen de; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SÁ, Lauro Chagas e. (Orgs). **Ensino de Língua e Literatura: diálogos e interfaces**. 1ed. Vitória: -, 2016, v. 1, p. 67-76.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em 01/10/18

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) . Acesso em 01/10/18.

BRESSAN, Renato Teixeira. **Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações**. Anagrama, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2007.

BUZATO, Marcelo El Khouri et al. Remix, mashup, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, p.1191-1221, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339829654011> . Acesso em: 29 nov. 2019.

COPE, B. KALANTZIS, M. (Eds.) **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. Routledge: London, 2000.

COPE, B. KALANTZIS, M. PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros Oraís e escritos na escola**. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

DUBOC, Ana Paula Martinez. Avaliação da aprendizagem de línguas e os multiletramentos. In: **Estudos em Avaliação Educacional**, [s.l.], v. 26, n. 63, p.664-687, 29 dez. 2015. Fundação Carlos Chagas. <http://dx.doi.org/10.18222/eae.v26i63.3628>. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/3628> . Acesso em: 01 dez. 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCISCO, Cicero Nestor Pinheiro. A difusão de novas competências pela BNCC: os multiletramentos e o ensino da linguagem na era das novas tecnologias. In: **XVI Congresso Internacional de Tecnologia na Educação**, 16, 2018, Recife. Anais. Pernambuco: 2018. p. 1 – 14. Disponível em: <http://www.pe.senac.br/congresso/anais/2018/senac/index.html>. Acesso em: 1 dez. 2019.

GOMES, Rosivaldo et al. Novos letramentos na cultura digital: o remix Vem pra rua - o gigante acordou como um híbrido. Pracs: **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de**

**Ciências Sociais da Unifap**, Macapá, v. 8, p.93-122, 2015. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1628> . Acesso em: 29 nov. 2019

KLEIMAN, A. B. (org). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORRÊA, M. L. G. e BOCH, F. (orgs.). **Ensino de língua**: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

LAMB, B. Dr. Mashup or, Why Educators Should Learn to Stop Worrying and Love the Remix. **Educause Review**, v. 42, p. 12-25, 2007.

NAVAS, E. Regressive and Reflexive Mashups in Sampling Culture. In: SONVILLA-WEISS, S. (Ed.). **Mashup Cultures**. Wien; New York: Springer, 2010. p. 157-177.

ROJO, Roxane (ed.). Para se aprofundar: Roxane Rojo: “Finalmente, entramos no século 21 no ensino de linguagem”. In: NOVA ESCOLA. **BNCC na prática**: Tudo que você precisa saber sobre Língua Portuguesa. [S.l.]. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/29/roxane-rojo-ha-muitos-paises-recuando-no-tempo-com-seus-curriculos-enquanto-aqui-estamos-evoluindo-rapidamente> Acesso em: 29 nov. 2019.

ROJO, Roxane. Apresentação. In: ROJO, Roxane (Org.). **Escol@a Conectad@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). **Escol@a Conectad@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. Cap. 1. p. 13-36.

ROJO, Roxane Helena R.; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane Helena R.; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. Tradução de: Vera Ribeiro.

SILVA, Themis Rondão Barbosa da Costa. **Pedagogia dos multiletramentos**: principais proposições metodológicas e pesquisas no âmbito nacional. Letras, [S.l.], n. 52, p. 11, jun. 2016. ISSN 2176-1485. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/25319>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez; 1986.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota técnica ENSINO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19. Abr. 2020. Disponível em [https://www.todospelaeducacao.org.br/\\_uploads/\\_posts/425.pdf?1730332266=&utm\\_source=conteudo-nota&utm\\_medium=hiperlink-download](https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf?1730332266=&utm_source=conteudo-nota&utm_medium=hiperlink-download) Acesso em 01 mar. 2021.

WALSH, Caterine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: in-surgir, re-existir y re-vivir. En Medina, P. (coord.). Educación intercultural en América Latina. México: UPN/Conacyt/Plaza y Valdés Editores, 2009.